



O DESLIZAMENTO METAFÓRICO DO “CENSO” AO “SENSO”: LÍNGUA E EQUÍVOCO EM CHARGES SOBRE O CANCELAMENTO DO CENSO 2021

Ketley Roberta Teixeira¹

Daniel Silva Lélis²

Silvia Lucia Goretti Gerardo Guerreiro³

A manchete “Governo confirma cancelamento do Censo 2021” foi uma das principais notícias, veiculadas nos jornais durante o final do mês de abril de 2021, e reflete a ausência de verba para a execução da pesquisa nacional, tendo em vista o corte orçamentário no Congresso, que reduziu de R\$ 2 bilhões para R\$ 71 milhões. Este valor foi reduzido mais uma vez para R\$ 53 milhões, pelo Presidente da República, quantidade insuficiente até para o início dos preparativos da pesquisa, segundo o Sindicato Nacional do Servidores do IBGE (ASSIBGE), que afirma que 239 milhões seriam o mínimo necessário para preparar o Censo em 2022 (GOVERNO, 2021).

Considerando que a última pesquisa realizada pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) data de 2010, são pelo menos 11 anos de defasagem que afetarão a qualidade das projeções e estimativas populacionais do país. Sem os dados do Censo Demográfico em 2021, todas as ações que poderiam definir as políticas públicas nacionais, dados econômicos, dados geográficos, dados sobre a educação e a saúde, particularmente necessários no período pós-pandemia, ficarão comprometidas.

Em resposta à polêmica, algumas charges passaram a circular em jornais e na internet, com efeitos de crítica, constituídos por meio do humor. Segundo Silva (2021), a charge proporciona (re)significações para um fato ou acontecimento social tido como relevante para a imprensa; nela, inúmeros recursos expressivos articulam-se em formulações que buscam satirizar figuras públicas e acontecimentos, constituindo um processo discursivo que se sustenta na apropriação e torção/inversão de sentidos filiados ao discurso do adversário. O autor ainda destaca que os discursos de grande repercussão na mídia constituem a munição do chargista, com a qual ele, em seu gesto de autoria, zomba de ações e falas atribuídas a posições de poder encenadas na charge, neste caso, à posição do atual governo.

Objetiva-se, a partir do exame de duas charges que materializam o deslizamento metafórico entre o “censo” e o “senso”, problematizar as posições ideológicas nelas inscritas - constitutivas de suas condições de produção - em que pesam o jogo de antecipações imaginárias e a referência às formações discursivas (PÊCHEUX, 1997). Interessa-nos, sobretudo, refletir sobre a materialidade da língua na equivocidade das charges, tecendo considerações sobre o equívoco, na relação com o real da história. O deslizamento

¹ Mestranda em Linguística, pela Universidade de Franca - UNIFRAN. Bolsista CAPES – Proc.: 88887.602914/2021-00.

² Mestrando em Linguística, pela Universidade de Franca - UNIFRAN. Bolsista CAPES – Proc.: 88887.603028/2021-00.

³ Mestranda em Linguística, pela Universidade de Franca - UNIFRAN. Bolsista CAPES – Proc.: 88887.602882/2021-00.

metafórico do “censo” ao “senso” dá a ver, no jogo parafrástico, a emergência do sentido outro, em um processo de resignificação com efeitos políticos de resistência. Consideramos o deslizamento metafórico conforme Pêcheux, que o define como fenômeno semântico produzido por uma substituição contextual; é a viabilidade do efeito metafórico que permite que um efeito semântico possa ser substituído contextualmente por outros, sem que dele se desvincule completamente.

Propomo-nos descortinar o processo discursivo constitutivo de nosso material analítico e, para tanto, nos ancoramos nos pressupostos teórico-metodológicos da Análise de Discurso, estabelecida na esteira do Materialismo Histórico, da Linguística e da Psicanálise.

Conforme mencionamos, nosso *corpus* analítico é composto por duas charges: a primeira é do Rodrigo Brum, chargista brasileiro que venceu em 2018, pela segunda vez, o Prêmio Vladimir Herzog na categoria Arte; a segunda charge é assinada pelo cartunista, chargista e ilustrador João Montanaro. De acordo com Orlandi (2012), o cartunista é quem, ao ocupar a função-autor, assume a autoria colocando-se na origem de seu dizer, fazendo dele “algo imaginariamente ‘seu’, com ‘começo, meio e fim’, que seja considerado original, relevante, que tenha clareza e unidade” (LAGAZZI-RODRIGUES, 2010, p. 93).

Em ambas as charges, o deslizamento entre “censo” e “senso” se faz presente, o que possibilita discutir a materialidade da língua que, alçada ao estatuto de materialidade do discurso, não se encontra separada do sujeito que por ela se constitui. Importa, assim, considerar a materialidade da língua na significância da materialidade da charge, uma vez que, com Lagazzi-Rodrigues (2017), consentimos que em sua composição material imbricam-se palavras, imagens e corpos que demandam um processo de interpretação plural, uma vez que os sentidos se constituem pela contradição entre essas materialidades.

Figura 1 – Charge 1



Fonte: Página do Rodrigo Brum no Instagram⁴

Na primeira charge, a figura do presidente Bolsonaro impõe o "Sem censo!", referindo-se à decisão de não realizar a pesquisa nacional, enquanto o país, representado pelo mapa do Brasil, o acusa de ser um sujeito "Sem senso!", por tomar esta decisão. Além disso, toda a composição da imagem está em preto e branco, salvante a faixa presidencial, fazendo com que ela se torne o foco da atenção do leitor e deixando

⁴ Disponível em: <https://www.instagram.com/p/COI12J4IVO/>. Acesso em: 16 jan. 2022.

claro a posição do sujeito “Sem censo!” que a veste, sendo ele o líder máximo da nação brasileira. O chargista revela assim o deboche cínico em relação ao personagem, tanto pela acusação do país de que ele não tem senso quanto pelo uso da faixa verde-amarela que “enfeita” sua roupa, pois sem ela ele seria apenas mais um sujeito, sem força para mandar no país.

Figura 2 – Charge 2



Fonte: Folha de São Paulo⁵

Na segunda charge, o leitor depara-se com o personagem usando uma roupa militar falando ao telefone com a boca entreaberta, dando a impressão de que ele está falando alto, com o punho fechado como se estivesse batendo na mesa e dando a ordem para alguém que está do outro lado da linha. Esta imagem do militar bravo e mais velho dando ordens escracham a presença massiva de militares no governo bolsonarista, de tal forma que evoca uma memória do período da ditadura ocorrida no Brasil, produzindo o efeito de sentido de que, ao esconder os dados censitários da população por meio do cancelamento do Censo, estamos vivendo uma espécie de “nova censura” militar. Aquele fala ao telefone utiliza-se do discurso autoritário para fazer cumprir a ordem recebida, “censo ou senso tanto faz, o presidente mandou falar que no governo dele não vai ter”, sem que haja uma oportunidade de resposta ou questionamento do interlocutor.

Ambas as charges, a respeito do cancelamento do Censo 2021, chamam atenção por carregarem os sentidos apreendidos em meio à atual conjuntura política, e demonstram uma posição de crítica e contrariedade através do uso do trocadilho entre censo x senso. Além disso, remetem à memória de um tempo em que o Censo se fazia indispensável para coleta de dados e para o planejamento de políticas públicas, definindo as prioridades de orçamentos, e cujo cancelamento evidencia o que passa a não ser valorizado, numa demonstração de que é mais importante não ter e divulgar esses dados, deixando a população “às cegas” do que ter uma fonte de dados concreta para o planejamento orçamentário público. E,

⁵ Disponível em: <https://fotografia.folha.uol.com.br/galerias/1695890190757786-charges-abril-2021#foto-1698059209597270>. Acesso em: 16 jan. 2022.

por meio do escrache e do *kynismo*, as charges em questão expõem a irresponsabilidade daquele que governa o país, bem como o autoritarismo presente em seu discurso. Em outras palavras,

Para que os efeitos de sentido constitutivos dessas charges sejam compreendidos, é preciso examinar o efeito do já-dito em outro lugar que faz com que a interdiscursividade contemple o pré-construído, o qual expressa a irrupção de um domínio sobre outro, como se ele já se encontrasse aí. Para esse funcionamento, Pêcheux (2009) explica que o domínio de pensamento consiste em um conteúdo de pensamento que existe dentro da linguagem, na medida em que não há conteúdos de pensamento fora dela. Este conteúdo de pensamento já articulado na linguagem se apresenta sob a forma do discursivo (SILVA, 2021, p. 58).

Assim, examinamos os modos de formulação e constituição de sentidos nas charges recortadas para análise, o que nos permitirá ponderar sobre sua eficácia simbólica, como operadora de memória social, na constituição de práticas de resistência. Farias e Silva (2016, p. 166) comentam que o humor, ao provocar riso, permite que se estabeleça uma crítica pois altera a maneira como o sujeito se relaciona com o mundo, permite outras leituras que rompem com aquelas que parecem ser definitivas, principalmente frente aos discursos políticos, “que querem sempre transformar leitores em meros eleitores”.

Pensamos o discurso de humor não apenas como um jogo de elementos linguísticos que por si só justificariam seus efeitos de sentido e ensejariam o riso, mas como um “jogo de linguagem” que, por seu acontecimento linguístico-histórico, produz e torna interpretáveis sujeitos e sentidos (FARIAS; SILVA, 2016, 152).

As análises nos mostram que as charges compreendem uma prática discursiva na qual se articulam ironia e cinismo, pensados consoante Di Nizo (2019) a partir da divisão ideológica entre dominação e resistência. Problematizamos, assim, a prática de resistência segundo a reflexão da autora, a qual considera o par antitético *Kynismos*-cinismo: enquanto o *kynismos* inscreve práticas de resistência ao poder que se ocupam em escrachar e reprovar suas contradições, o cinismo é definido como prática oriunda do poder para destruir qualquer artifício crítico. Como conclusões preliminares, situamos as charges como práticas de resistência, as quais possibilitam aos sujeitos tomarem posições frente aos desmandos do atual governo através do humor. Considerando que não há dominação sem resistência, como nos alerta Pêcheux (2009), é o próprio processo de interpelação ideológica como sujeito à falha que possibilita a resistência, e embora a luta de classes seja assimétrica e desigual, é possível ousar se revoltar, ousar pensar por si mesmo.

REFERÊNCIAS

DELGADO, M. Se o Censo ocorrer em 2021 vai ser falho, não tem jeito. **MSN Notícias**, 06 maio 2021. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/se-censo-ocorrer-em-2021-vai-ser-falho-n%C3%A3o-tem-jeito/ar-BB1gqeHp>. Acesso em: 31 maio 2021.

DI NIZO, P. L. **Um ensaio sobre o cinismo**: distorções e reapropriações performativas nas práticas discursivas contemporâneas. Orientador: Lauro José Siqueira Baldini. 2019. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019. Disponível em: http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/335534/1/DiNizo_PatriciaLeal_D.pdf. Acesso em: 10 ago. 2020.

FARIAS, W. S.; SILVA, T. C. G. O gesto de interpretação no discurso de humor político: o caso de uma charge. **Entremeios**: Revista de Estudos do Discurso, Pouso Alegre, v. 13, p. 151-67, jul./dez. 2016. Disponível em: <http://www.entremeios.inf.br/published/372.pdf>. Acesso em: 31 maio 2021.

GOVERNO confirma cancelamento do Censo em 2021. **MSN Notícias**, 23 abr. 2021. Disponível em: <https://www.msn.com/pt-br/noticias/brasil/governo-confirma-cancelamento-do-censo-em-2021/ar-BB1fZ6jx>. Acesso em: 31 maio 2021.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Texto e autoria. *In*: ORLANDI, E.; LAGAZZI-RODRIGUES, S. (org.). **Introdução às ciências da linguagem**: discurso e textualidade. 2. ed. Campinas: Pontes, 2010.

LAGAZZI-RODRIGUES, S. Trajetos do sujeito na composição fílmica. *In*: FLORES, G.; GALLO, S.; LAGAZZI, S.; NECKEL, N.; PFEIFFER C.; ZOPPI-FONTANA, M. (org.). **Análise de discurso em rede**: cultura e mídia. Campinas: Pontes, 2017. v. 3, p. 23-39.

ORLANDI, E. **Discurso e leitura**. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2012.

PÊUCHEUX, M. **Semântica e discurso**: uma crítica à afirmação do óbvio. Trad. de Eni Orlandi, Lourenço Chacon, Manoel Luiz Gonçalves Côrrea e Silvana Mabel Serrani. 4. ed. Campinas: Editora da Unicamp, 2009.

PÊUCHEUX, M. Análise automática do discurso. Tradução de Eni Orlandi. *In*: GADET, F.; HAK, T. (org.). **Por uma análise automática do discurso**: uma introdução à obra de Michel Pêcheux. 3. ed. Campinas: Unicamp, 1997. [Tradução de: *Analyse automatique du discours*, 1969].

SILVA, R. H. **O corte na educação e a política da morte**: humor, cinismo e resistência nas charges de Duke. Orientadora: Aline Fernandes de Azevedo Bocchi. 2021. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade de Franca, Franca, 2021.